

Naturalidade

São Josemaria gostava de falar da virtude humana da “naturalidade”. Considera esta uma atitude profundamente cristã, que denota sempre a qualidade do que é feito com verdade, sem disfarce, duplicidade ou ornamentação.

29/10/2020

A naturalidade é uma virtude que brilha especialmente nos primeiros cristãos. Cidadãos comuns antes de conhecer o Evangelho, continuavam sendo-o ao abraçar a fé. A luz de

Cristo que se havia acendido em seus corações levava-os a santificar as suas atividades, não a abandoná-las nem a mudá-las. “Não deixamos de frequentar o foro – escreve

Tertuliano em finais do século II –, o mercado, os banhos, as lojas, as oficinas, as hospedarias e feiras; não deixamos de relacionar-nos, de conviver convosco neste mundo.

Convosco navegamos, vamos à milícia, trabalhamos a terra e de seu fruto fazemos comércio. E vendemos na cidade para vosso uso os produtos de nossos afazeres e fadigas”[1]. “Os cristãos – lê-se noutro documento do século II – não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. [...] Vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e

ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal”[2]. São do mundo sem ser mundanos: vivem com naturalidade cristã.

Nessa vida corrente procuravam difundir a sua fé para realizar a missão apostólica. Com tanta decisão o faziam que o filósofo Celso os acusava de aproveitar-se das suas profissões – sapateiros, professores, lavadeiros, etc. – para semear nas casas e em toda a sociedade a semente do Evangelho[3]. Eram, em suma, cristãos que procuravam plasmar a doutrina de Cristo em seus afazeres cotidianos e propagá-la nos ambientes que frequentavam, com o seu exemplo e a sua palavra, seguindo o ensinamento do Senhor: “Brilhe vossa luz ante os homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus”[4]. As “boas obras”, e não alguns distintivos externos, davam

testemunho da sua fé. Atuavam como a levedura que fermenta a massa com naturalidade, sem sair do seu lugar, sem atitudes estranhas que os afastassem dos outros cidadãos honrados, tornando assim ineficaz o seu empenho apostólico.

Este espírito de santificação e de apostolado no meio do mundo é o precedente mais claro da mensagem de São Josemaria. “Se se quer procurar um termo de comparação, o modo mais fácil de entender o Opus Dei é pensar na vida dos primeiros cristãos. Eles viviam profundamente a sua vocação cristã; procuravam seriamente a perfeição a que estavam chamados pelo fato, simples e sublime, do Batismo. Não se distinguiram exteriormente dos demais cidadãos”[5]. Da mesma forma, quem segue o caminho de santidade que São Josemaria ensina “são pessoas comuns; desenvolvem um trabalho corrente; vivem no meio

do mundo de acordo com o que são: cidadãos cristãos que querem corresponder cabalmente às exigências da sua fé”[6]. Daí a importância que São Josemaria concede à “naturalidade”[7].

Com a normalidade de Jesus em Nazaré

Em geral, a naturalidade cristã é uma virtude que leva a viver coerentemente a fé, comportando-se, nas relações com os outros, de acordo com o que cada um é. Neste sentido forma parte da humildade.

As suas manifestações externas podem ser diversas, segundo o estado e condição de cada um. Há uma naturalidade própria dos sacerdotes, que os leva a agir de acordo com o seu ministério sagrado, que é um ministério público; há uma naturalidade própria dos fiéis leigos, que consiste em viver coerentemente a fé em seu ambiente profissional e

social, dando desse modo testemunho de Cristo, porém não como quem ostenta um ofício público da Igreja, mas conforme a sua condição de cidadãos e de profissionais como os outros.

Quando São Josemaria fala de naturalidade, refere-se sobretudo a esta última, a dos fiéis leigos. Afirma que “não é necessário, para demonstrar que se é cristão, adornar-se com um punhado de distintivos, porque o cristianismo manifestar-se-á com simplicidade na vida dos que conhecem a sua fé e lutam por pô-la em prática, no esforço por portar-se bem, na alegria com que tratam as coisas de Deus, no entusiasmo com que vivem a caridade”[8]. Como modelo remete à conduta do Senhor durante os anos de vida em Nazaré: “Comportando-nos com normalidade – como os nossos iguais – e com sentido sobrenatural, não fazemos mais do

que seguir o exemplo de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Reparai que toda a sua vida está cheia de naturalidade. Passa seis lustros oculto, sem chamar a atenção, como outro trabalhador qualquer, e na aldeia é conhecido como o filho do carpinteiro”[9].

Quando a naturalidade “choca”

Para compreender bem esta doutrina é preciso ter em conta que o “natural” ou o “normal” para um cristão não é sempre e por princípio “fazer o que todos fazem”, “não chamar a atenção”, “acomodar-se aos costumes dominantes”... O natural para um fiel corrente é viver integralmente a sua fé, sem ostentações impróprias da condição de vida em que Deus o chamou à santidade e ao apostolado.

“Naturalidade. – Que a vossa vida de cavalheiros cristãos, de mulheres cristãs – o vosso sal e a vossa luz –,

flua espontaneamente, sem esquisitices nem pieguices; levai sempre convosco o nosso espírito de simplicidade”[10]. O cristão não deve querer ser “igual aos outros”, se os outros não agem bem; pelo contrário, tem que comportar-se de modo congruente com a sua fé “como seus iguais”[11] na vida profissional e social, quer dizer, como qualquer cidadão normal que quer ser um cristão coerente.

É lógico que as pessoas que se relacionarem com um cristão que busca a santidade em seu trabalho, na sua vida, notem o seu esforço por cultivar as virtudes, advirtam que pratica a fé – participando também no culto público, sem escondê-lo –, e recebam a influência do seu apostolado, embora tudo isto contraste visivelmente com o ambiente que o rodeia. *“E num ambiente paganizado ou pagão, quando esse ambiente chocar com a*

minha vida, não parecerá postiça a minha naturalidade?, perguntas-me. E te respondo: – Chocará, sem dúvida, a tua vida com a deles. E esse contraste, porque confirma com as tuas obras a tua fé, é precisamente a naturalidade que eu te peço”[12].

Fiéis correntes

Os membros do Opus Dei hão de viver esta virtude como o que são, fiéis correntes ou – *mutatis mutandis*, sacerdotes seculares –, porque a chamada ao Opus Dei não implica uma mudança no estado e condição de cada um, e não tem, neste sentido, transcendência pública, na vida social ou profissional. A sua entrega a Deus exclui, pelo fato de ser do Opus Dei (não em razão de seu cargo, por exemplo, na sociedade civil – medalhas de mérito, etc., – ou na militar), manifestações formais e externas como uniformes ou insígnias. “Deves vestir-te de acordo

com o tom da tua condição, do teu ambiente, da tua família, do teu trabalho..., como os teus colegas, mas por Deus, com a preocupação de oferecer uma imagem autêntica e atrativa da verdadeira vida cristã. Com naturalidade, sem extravagâncias”[13]. O fato espiritual e teológico da sua chamada a santificar-se no mundo pede a naturalidade: o que seria estranho em qualquer outro fiel comum, seria igualmente estranho neles.

Daí o critério que São Josemaria ensina: “Tens de viver, como os outros que te rodeiam, com naturalidade, mas sobrenaturalizando cada instante do teu dia”[14]. Os fiéis do Opus Dei, explica em outro momento, vivem “com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de gente seleta, fundidos na massa de seus colegas, enquanto procuram descobrir os fulgores divinos que

reverberam nas realidades mais vulgares”[15]. Cada um viverá a naturalidade que lhe corresponde, sem que o ter recebido essa chamada se manifeste mediante sinais artificiais que o diferenciem de seus iguais. Jesus Cristo, sendo o Verbo encarnado, a Segunda Pessoa da Trindade, passou habitualmente despercebido entre seus iguais durante trinta anos. Como São Josemaria explicava, não há necessidade de que os outros saibam que somos almas entregues a Deus, empenhados em imitar Cristo. Basta que com a nossa conduta coerente e sincera se sintam interpelados a levar uma vida de trabalho e de relações sociais mais acorde com a sua fé.

Direito à intimidade

Como a chamada ao Opus Dei não implica nenhuma mudança de posição ou *status* na sociedade, a

naturalidade, neste caso, leva também a reclamar, quando se apresenta a ocasião, o respeito devido à própria consciência e à intimidade do lar cristão que é o Opus Dei. Parafraseando São Josemaria, a intimidade da vida não é algo para ir apregoando pela rua: a simplicidade deve ir unida à prudência. É lógico que existam coisas da própria família que não se discutem com os estranhos, porque o que é íntimo e querido para uns poderia ser motivo de risos ou de zombaria para outros. É uma norma de comportamento ditada pelo senso comum, como acontece – ou deveria acontecer – em qualquer família de qualquer sociedade: não se divulga a interioridade da família; o contrário tende para o exibicionismo.

Estas exigências da naturalidade não têm nada que ver com o segredo. “Discrição não é mistério nem segredo. É, simplesmente,

naturalidade”[16]. Precisamente porque os fiéis do Opus Dei procuram fazer apostolado em seu próprio ambiente, não ocultam a sua vinculação à Obra. Em suas relações públicas não se apresentam como fiéis da Prelazia, porque não é um título que concerne a essas relações, mas é normal que os seus amigos e colegas saibam disso. A norma de conduta de São Josemaria é clara: “ O segredo me repugna. Não admito mais que o segredo da Confissão e os que são estritamente ensinados pela teologia moral, porque têm uma razão de ser”[17].

Com energia enfrenta as confusões entre a naturalidade e o segredo. Afirma que “a discreta reserva – nunca segredo – que vos inculco, não é senão o antídoto contra a fanfarrice; é a defesa de uma humildade que Deus quer que seja também coletiva”[18]. Seria errôneo interpretar como segredo a

naturalidade ou a humildade coletiva. É fácil dispor de abundante informação sobre o Opus Dei e sua história, os nomes dos Diretores e os domicílios e atividades das obras de apostolado, etc., que figuram na internet[19] e em numerosas publicações, como *Romana*, o Boletim oficial da Prelazia[20].

O mesmo respeito à intimidade que se tem o direito de pedir, deve ser reservado às consciências dos outros. Certamente, no apostolado é preciso entrar na vida dos amigos – como Cristo se entrou na nossa –, mas sempre com delicado respeito à sua liberdade e guardando com lealdade as suas confidências, como também eles devem guardar as nossas.

O silêncio de ofício é um dever de prudência natural e, em muitos casos, de justiça, que não tem porque diminuir a simplicidade no

relacionamento com as outras pessoas.

Bibliografia básica

SÃO JOSEMARIA, *Caminho*, números 376-380; *Sulco*, números 554-566; *Forja*, números 140 e 508; *Entrevistas*, n.30; *É Cristo que passa*, números 53 e 148; *Amigos de Deus*, números 89-91

P. RODRÍGUEZ, “*Caminho*” *edição comentada*, Quadrante, São Paulo, 2014, comentários aos números 376, 379 e 641.

E. BURKHART – J. LÓPEZ, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de SÃO JOSEMARIA. Estudio de Teología espiritual*, 3 vols, Rialp, Madrid 2010, VOL.II, CAP.6, apartados 3.2.2 e 3.2.4

[1] TERTULIANO, *Apologeticum*, c. 42, 1-3.

[2] *Ep. Ad Diognetum*, c.V, 1 ss.

[3] Cfr. ORÍGENES, *Contra Celsum*, 3,55.

[4] *Mt* 5, 16.

[5] SÃO JOSEMARIA, *Entrevistas*, n. 24.

[6] *Ibid.*

[7] Cfr. SÃO JOSEMARIA, *Caminho*, n. 376 ss.; *Sulco*, n.555 ss.; *Forja*, n.140, 508; *Entrevistas*, n. 119; *ÉCristo que passa*, n.53, 148; *Amigos de Deus*, n. 89-90; etc. Nas obras publicadas até 2002 fala mais de 40 vezes da naturalidade.

[8] SÃO JOSEMARIA, em: E. BURKHART, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de SAN JOSEMARIA. Estudio de Teología espiritual*, 3 vols,

Rialp, Madrid 2010, vol.II, cap.VI, apartado 3.2.2.

[9] SÃO JOSEMARIA, *Amigos de Deus*, n. 121. Parece claro que, nestas palavras, “normalidade” equivale a “naturalidade”. Cfr. também *Camino*, n. 840.

[10] SÃO JOSEMARIA, *Caminho*, n. 379.

[11] Cfr. SÃO JOSEMARIA, *É Cristo que Passa*, números 21, 111-112; *Amigos de Deus*, número 121.

[12] SÃO JOSEMARIA, *Caminho*, n. 380.

[13] SÃO JOSEMARIA, *Amigos de Deus*, n. 122.

[14] SÃO JOSEMARIA, *Forja*, n. 508.

[15] SÃO JOSEMARIA, *Entrevistas*, n. 119.

[16] SÃO JOSEMARIA, *Caminho*, n. 641. Neste ponto de Caminho e, em geral, no ensinamento de São Josemaria, a descrição se situa “na vida dos cristãos comuns, de cidadãos iguais aos outros, que se esforçam por santificar o seu trabalho e por dar testemunho inequívoco da sua fé católica, mas sem ‘publicidade’ e procurando viver secularmente uma ‘vida escondida com Cristo em Deus’(cfr. Col. 3, 3)” (P. RODRÍGUEZ, “*Caminho*”. Edição comentada, São Paulo, 2014, comentário ao ponto 641). Mais adiante, São Josemaria decidiu retirar a palavra “descrição” da sua linguagem, para que não fosse mal compreendida (cfr. *ibidem*).

[17] SÃO JOSEMARIA, em:
BURKHART – J. LÓPEZ, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de SÃO JOSEMARIA. Estudio de Teología espiritual*, 3 vols, Rialp, Madrid 2010

(en imprenta), vol.II, cap. VI,
apartado 3.2.4.

[18] SÃO JOSEMARIA, EM E.
BURKHART – J.LÓPEZ, *Vida cotidiana
y santidad en la enseñanza de SÃO
JOSEMARIA. Estudio de Teología
espiritual*, 3 vols, Rialp, Madrid 2010,
vol.II, cap.VI, apartado 3.2.4.

[19] Cfr. www.opusdei.org,
www.josemariaescriva.org.br e
www.isje.org (Instituto Histórico SÃO
JOSEMARIA Escrivá).

[20] Em *Entrevistas*, n.30, o fundador
do Opus Dei responde aos que
sugeriram que, com a escusa da
humildade coletiva, pretende
encobrir segredos. Essa calúnia –
assim a qualifica – tem sua origem na
dificuldade que alguns encontram
para compreender que os membros
do Opus Dei são fiéis correntes e que
sua incorporação à Prelazia não
muda sua condição na Igreja e na
sociedade civil. Por isso não se

apresentam oficialmente com o título de membros da Obra, nem utilizam distintivos particulares, nem tampouco a Obra publica dados e estatísticas acerca de sua vida profissional, familiar o social, dados de que, não dispõe. Nisto não há segredo, apenas adequação à realidade das coisas: respeito ao que representa a vinculação ao Opus Dei. Em seu próprio ambiente, com os colegas de profissão ou no círculo familiar e de amizades – quer dizer, ali onde pode ter relevância para os demais o próprio modo de viver coerentemente a fé cristã -, os fiéis do Opus Dei manifestam com naturalidade sua vinculação à Prelazia (cfr. também *Entrevistas*, números 34 e 41).

dev.opusdei.org/pt-br/article/
naturalidade/ (06/08/2025)